

Inventário do percurso cognitivo desenvolvido por um intelectual gutenberciano através do labirinto simbólico da televisão brasileira¹

Inventory of the cognitive course developed by a gutenbergian intellectual through the symbolic labyrinth of brazilian television

*José Marques de Melo*²

“Eu sou eu e minha circunstância, e se não a salvo, não me salvo eu.”

(Ortega y Gasset – *Meditações do Quixote*)

“Não há [...] como admitirmos a existência de um homem totalmente não comprometido diante da sua ‘circunstância’. É condição de sua própria existência o seu compromisso com essa ‘circunstância’ em que inegavelmente aprofunda suas raízes e de que também inegavelmente recebe cores diferentes”.

(Paulo Freire – *Educação e atualidade brasileira*)

Sendo produto das circunstâncias em que vivem os cidadãos, seus perfis existenciais só podem ser compreendidos em consonância com a herança cultural assimilada pela geração a que pertence cada um.

É bem verdade que metamorfoses vão se dando no curso da vida em sociedade, mas dificilmente nos libertamos das nossas raízes, nem das matrizes que retroalimentam, no tempo e no espaço, nossas preferências, nossos hábitos e nossas aspirações.

1 Trabalho recebido em 15-3-10. Aprovado em 22-3-10. Aula Magna proferida na abertura do ano letivo de 2010, no curso de Comunicação Social da Universidade de Caxias do Sul (UCS).

2 Professor Emérito na Universidade de São Paulo (USP). Dirige atualmente a Cátedra Unesco/Umesp de Comunicação. Fundador e Presidente de Honra da Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação (Intercom).

E-mail: marquesmelo@uol.com.br.

Reconheço que me nutri cognitivamente numa comunidade regida pela cultura popular oral, mas me formei sob o desafio da inserção compulsória na cultura letrada, pois o ingresso na sua vanguarda erudita depende das habilidades de ler, escrever, contar e narrar.

Crescendo na civilização da palavra impressa, senti-me como se fosse “peixe fora-d’água” ao trabalhar com o referencial da geração fornida pela civilização da imagem e do movimento. Primeiro, convivi com o *cinema*, que passou a fazer parte do meu referencial compreensivo sem, necessariamente, interferir na minha agenda investigativa. Depois, presenciei a inserção cada vez mais intensiva, na vida cotidiana do Planeta, da linguagem peculiar à *televisão*. Logo percebi como é difícil assimilar valores e rotinas que rompem com a linearidade.

Isso talvez explique a razão de, nos meus estudos empíricos, haver privilegiado a imprensa, objeto com o qual estava familiarizado, e cujo território me inspirava segurança. A televisão foi se impondo na minha trajetória de pesquisador mais em função das circunstâncias do que em consequência de motivações intrínsecas.

Fazendo um balanço crítico da minha produção acadêmica, verifico que as explorações feitas no território audiovisual, particularmente no televisivo, são eminentemente conjunturais, denotando intervalos periódicos, descontinuidades temáticas e algumas vezes ajustes analíticos. Tais estudos abrangem pelo menos 50 anos, período que corresponde à minha própria convivência com o fenômeno, seja como telespectador, seja como observador das suas manifestações emblemáticas.

Inaugurada em 1950, a televisão operou inicialmente, nas duas metrópoles nacionais: São Paulo e Rio de Janeiro. Expandiu-se posteriormente para Minas Gerais, chegando ao Nordeste no início dos anos 60 (séc. XX). A cidade de Recife foi o cenário de uma corrida pela liderança empresarial, quando entraram no ar, simultânea e competitivamente, duas emissoras pioneiras: a TV Rádio Clube de Pernambuco e a TV Jornal do Comércio. Só então comecei a vislumbrar esse labirinto simbólico, inicialmente como usuário, mas, mesmo assim, na condição de televizinho. A posse de televisores era restrita às famílias de alta renda, de modo que, na condição de estudante, só participava da audiência dos programas televisivos a convite de parentes e amigos “bem de vida”, mas preservo na memória as cenas e os personagens resgatados por Jorge José B. Santana no livro *A televisão pernambucana por quem a viu nascer* (Recife, Facform, 2007).

Da mesma forma, guardo com nitidez os escassos relatos que escutei durante o curso de Jornalismo na Universidade Católica de Pernambuco (Unicap). Obtive

aprendizado zero na área de telejornalismo. Essa sequer fazia parte da grade curricular. Assim como o estudo de História do Brasil terminava na Revolução de 30, o ensino de jornalismo esbarrava na era do rádio. As poucas informações foram repassadas transversalmente na cadeira de *Publicidade*. Seu regente, o publicitário Beroaldo Lucena e Melo, contava episódios sobre a produção de comerciais para a televisão. Era uma caixa de surpresas, pois o êxito dos anúncios dependia em grande parte do talento e da capacidade de improvisação das “garotas-propaganda”, porque transmitidos “ao vivo”, estavam, portanto, sujeitos a variáveis imprevisíveis.

Apesar dessa carência curricular, dois jornalistas formados nas primeiras turmas da Unicap demonstraram interesse pelo novo veículo. Quem dá notícia dessa tendência é Beltrão, ao fazer uma resenha da “Aprendizagem das ciências da comunicação em Pernambuco”, na edição inaugural de *Comunicações & Problemas* (1965, p. 6-8). Ele registra que, dentre os formandos das duas primeiras turmas, Luiz de Alencar Bezerra obteve colocação como “redator de notícias do Canal 6 (TV Rádio Clube de Pernambuco)”, e Roberto Benjamin foi contratado como “produtor de programas informativos” na mesma empresa.

Se não encontrou ambiente favorável com as autoridades universitárias para introduzir o estudo do telejornalismo no currículo do curso inovador implantado em Recife, a partir de 1961, Beltrão detinha conhecimento suficiente sobre a problemática da televisão. Ele dá demonstração disso no seu livro clássico *Iniciação à filosofia do Jornalismo* (Rio de Janeiro: Agir, 1960, p. 54-59), incluindo elucidativo tópico sobre o assunto.

Pouco depois, ao proferir, no auditório da Biblioteca Mário de Andrade, a aula inaugural do Ciclo de Extensão Universitária, promovido pela Escola de Comunicações Culturais da Universidade de São Paulo, Beltrão evidenciaria seu aprofundamento no estudo da televisão. É o que se depreende da leitura daquela alocução, integralmente publicada, sob o título “Jornalismo pela televisão e pelo rádio: perspectivas”, na *Revista da Escola de Comunicações Culturais* (n. 1, São Paulo, 1967, p. 101-119). Recentemente incluído na coletânea *Comunicação no Brasil: as idéias pioneiras de Luiz Beltrão*, no *Anuário Unesco/Metodista de Comunicação Regional* (n. 10, São Bernardo do Campo, Umesp, 1997, p. 133-150), esse texto permite o acesso aos leitores de hoje.

Ali, o mestre nordestino conota o papel revolucionário da televisão como artefato gerador da *iconosfera*.

Para consolidar o seu império, a Tecnologia necessitava do seu meio ideal de comunicação. Esbarrava, porém, em dois sérios obstáculos: o *analfabetismo* de mais da metade da população mundial e a *babel das línguas*. Nenhum desses obstáculos poderia ser superado a curto prazo,

e o ritmo da civilização nuclear e espacial exigia a participação global da humanidade sob pena de perdurarem o germe da ignorância e da incompreensão, que agravam o problema social e conduzem à política exterminadora das guerras. Era preciso tornar a informação instantânea e universal. A Televisão foi o veículo dessa instantaneidade e desse universalismo porque é a apresentação do acontecimento no justo momento em que ocorre, através da imagem, o signo mais acessível à compreensão humana. (*Anuário Unesco/Metodista*, 1997, p. 134).

Aliás, por influência de Beltrão, despontam, no cenário nacional, três pesquisadores que vão acrescentar conhecimento novo ao solitário livro de Péricles Leal: *Iniciação à televisão* (Belém: Falangola, 1964). Roberto Benjamin realiza, em Recife, a primeira pesquisa comparativa sobre a programação da televisão comercial, publicada na *Revista da Escola de Comunicações Culturais*, n. 2, São Paulo, p. 151-165, 1968. Dedicou também ao tema a tese de livre-docência que defendeu na Universidade Federal Rural de Pernambuco, no início dos anos 70 (séc. XX), focalizando as relações entre *televisão e política*. Por sua vez, Aguiar, integrante da equipe docente liderada por Beltrão na Faculdade de Comunicação da Universidade de Brasília (UnB), foi por ele impulsionado para produzir estudos posteriormente difundidos sob a forma de livro *Introdução à TV* (Brasília: Habitat, 1967) e *TV didática* (Brasília: Ebrasa, 1968). Da mesma forma, Campos, da Universidade de Brasília/Universidade Federal de Pernambuco – escreveu *A TV nos tornou mais humanos?* (Recife: Ed. da Ufpe, 1970).

Quando circularam tais publicações, de certo modo, eu já havia preenchido a lacuna da minha graduação em Jornalismo. Fiz pós-graduação no Centro Internacional de Estudos Superiores de Periodismo para América Latina, frequentando a disciplina ministrada pelo jornalista Maurice Hankard, diretor da RTV Belga. Com ele adquiri os conhecimentos essenciais para entender a rotina da televisão europeia, em comparação com o modelo norte-americano. Mantive frequente intercâmbio com o professor Hankard e tive a oportunidade de visitá-lo em Bruxelas, em 1970, conhecendo a dinâmica informativa de uma emissora pública, como era comum na Europa, naquela conjuntura.

Mas antes dessa incursão europeia, tive a chance de trabalhar como pesquisador profissional no Instituto de Estudos Econômicos (Inese), onde supervisionei vários estudos sobre a veiculação de anúncios na televisão. Procurei compreender as implicações persuasivas da TV e o impacto de campanhas patrocinadas por grandes anunciantes na formação dos hábitos de consumo da população nacional.

A premissa consensual na corporação dos estudiosos do mercado consumidor era a de que as telenovelas constituíam uma categoria de programa cuja eficácia persuasiva limitava-se ao contingente feminino da população. A explicação era plausível: só as mulheres acompanham diariamente as telenovelas.

Entretanto, evidências não suficientemente documentadas me levavam a duvidar dessa generalização corrente, em parte calcada na realidade norte-americana, onde imperavam as *soap operas*, excluindo os homens da audiência dos folhetins eletrônicos. Verbalizei tal dissonância aos meus alunos de *Teoria da Comunicação* na Faculdade de Jornalismo Cásper Líbero, surgindo a ideia de realizarmos uma pesquisa de campo para testar a hipótese. Essa foi a minha primeira aventura acadêmica no espaço televisivo. Os resultados demonstraram que não passava de falácia a tese de que só mulher assistia à telenovela, até mesmo porque integrava a programação do “horário nobre”, quando toda a família se aglutinava pelo ritual do jantar.

Aplicando tesses projetivos, verificamos que havia uma contradição flagrante entre o discurso explícito e as revelações implícitas das fãs das telenovelas. Elas admitiam que seus maridos, genitores, filhos, genros e outros agregados masculinos também seguiam os capítulos das narrativas ficcionais veiculados pelas emissoras de televisão, mas vacilavam em confessar essa preferência por se tratar de hábito considerado “politicamente incorreto”. Contribui, dessa maneira, para quebrar o *tabu* socialmente reconhecido, divulgando amplamente essa constatação em meu livro de estreia *Comunicação social: teoria e pesquisa* (Petrópolis: Vozes, 1970).

Tais conhecimentos foram decisivos para embasar o meu desempenho didático no recém-criado curso de Jornalismo da Universidade de São Paulo. Assumi a regência das disciplinas referentes aos gêneros do jornalismo impresso, mas por motivos supervenientes, acabei por lecionar também o conteúdo teórico da disciplina *Telejornalismo*. Mesmo tendo consciência da minha formação precária nesse campo, limitada ao conhecimento livresco e às noções assimiladas em sala de aula, vi-me na contingência de nele atuar didaticamente.

Explico melhor a situação: o professor selecionado para lecionar Telejornalismo na USP foi Alexandre Kadunc, um dos diretores da TV Bandeirantes. Mas, no primeiro dia de aula, o professor pediu demissão, logo depois de conhecer a turma matriculada. Motivo: o grupo de alunos ingressantes incluía o jornalista Walter Sampaio, que, na opinião, de Kadunc, era o profissional mais competente da área no mercado paulista. Voltamos a abrir concurso para preencher a vaga, mas ninguém quis se habilitar. Circulara nos bastidores o motivo da inibição do professor demissionário.

Que fazer? Reuni o Conselho Departamental, explicando o problema, inclusive o perigo de a primeira turma não se formar, por ser *Telejornalismo* uma disciplina curricular obrigatória. Com a ajuda do representante discente naquele colegiado, Carlos Marcos Avighi, bem como o bom senso do professor Juarez Bahia, logrou-se uma saída con-

sensual. Eu assumiria a regência da disciplina, ministrando as aulas teóricas, e Walter Sampaio seria designado monitor pedagógico, encarregando-se da prática em telejornalismo. E assim foi solucionado o impasse. Pilotando o estúdio de televisão da universidade, o experiente jornalista foi treinando seus próprios colegas para produzir um telejornal diário. Ao fim do curso, sugeri a Walter Sampaio reunir as anotações que ele havia feito durante o semestre para transformá-las em manual didático.

Dessa parceria nasceu o primeiro livro de introdução ao campo no Brasil: *Jornalismo audiovisual*, na coleção que então me foi confiada pela Editora Vozes de Petrópolis. Coeditada com o selo da Edusp, em 1971, a obra teve muito boa acolhida, sendo reeditada imediatamente para suprir a carência de textos nacionais sobre telejornalismo.

Tais explorações pelas sendas do telejornal e da telenovela aguçaram meu apetite cognitivo. Contribuíram para manter o interesse pelo fenômeno, projetando-se nas observações críticas que fiz durante os anos 60 (séc. XX). Suas evidências estão contidas em duas publicações: *Comunicação, opinião, desenvolvimento* (Petrópolis: Vozes, 1971) e *Reflexões sobre temas de comunicação* (São Paulo: ECA/USP, 1972). Esse exercício de *television criticism* prosseguiu nos anos 70 do séc. passado, explicitado através de palestras proferidas no circuito universitário ou de comentários que publiquei em jornais e revistas, como pode ser conferido no livro *Telemania, anestésico social* (São Paulo: Loyola, 1981).

Ao realizar meu programa de pós-doutorado nos EUA, revisei boa parte da bibliografia histórica sobre televisão na América Latina, na tentativa de compreender a simultaneidade dos processos de difusão desse novo canal de comunicação de massa ao sul do Rio Grande. Examinei também a nascente literatura brasileira sobre televisão, escrevendo um *paper*, que serviu de roteiro às palestras proferidas em universidades do consórcio do meio-oeste norte-americano (Wisconsin, Minnesota, Indiana, Michigan e Urbana-Champaign). A versão em inglês foi lida e anotada por colegas *Brazilianists*, mas sua tradução em Português, devidamente atualizada, só veio a ser difundida em 1993, na revista *Comunicação & Sociedade*, n. 19.

Nesse ínterim, o *paper* circulou entre os colegas brasileiros que estavam à testa da Associação Brasileira de Ensino e Pesquisa em Comunicação (Abepec), o que, certamente, motivou o presidente da entidade, Prof. Antonio Firmo Gonzalez, a me convocar para integrar, na condição de consultor metodológico, a equipe que fez o primeiro inventário crítico da televisão brasileira. Trata-se de pesquisa desenvolvida em todo o território nacional, com o apoio financeiro do Estado do Rio Grande do Sul. O planejamento foi efetuado de maneira coletiva pela diretoria da Abepec, transferindo

o trabalho de campo ao Centro de Pesquisas em Comunicação da PUC gaúcha. A coleta de dados foi supervisionada pela dupla de professores Sérgio Caparelli e Alberto Verga, esse ocupando o cargo de professor-visitante em universidades gaúchas. A eles me agreguei na etapa final, supervisionando a tabulação dos dados, a análise dos resultados e a elaboração do relatório final.

O dossiê dessa pesquisa ficou inédito durante um quinquênio, embora seus resultados principais tenham sido divulgados sumariamente pela *Revista da Abepec*, n. 4, datada de junho de 1978. Da mesma forma que Sérgio Caparelli socializou parte dos dados em sua obra *Televisão e capitalismo* (Porto Alegre: L&PM, 1982), publiquei, em meus livros *Para uma leitura crítica da comunicação* (São Paulo: Paulinas, 1985) e *Comunicação: teoria e política* (São Paulo: Summus, 1985), capítulos fundamentados nos textos que me coube redigir para a Abepec, nessa ocasião já desativada institucionalmente. Um desses textos foi escolhido por Alfredo Bosi para integrar a coletânea *Cultura brasileira*, que ele publicou pela Editora Ática.

Somente retomei o fenômeno da televisão brasileira em 1987, convidado pela Unesco para participar do projeto internacional sobre o fluxo mundial dos programas televisivos. Até então, predominava o conhecimento exclusivo dos fluxos Norte-Sul. Mas os dirigentes da Unesco estavam curiosos para demonstrar as possibilidades dos contrafluxos Sul-Sul e Sul-Norte. Focalizei o caso da Rede Globo de Televisão, principal empresa produtora de ficção seriada para o nosso mercado interno. Seus produtos, dublados e adaptados para audiências forâneas, conquistaram os mercados latino-americanos e europeus, bem como povos de outros continentes.

Aquela pesquisa foi apresentada em produtivo seminário que a Unesco promoveu em Hilversum (Holanda), coordenado por Peter Larsen, comprovando a validade de uma tese do Relatório *MacBride*. Posteriormente, organizei uma versão destinada ao público leigo, enfeixada no livro *As telenovelas da Globo: produção e exportação* (São Paulo: Summus, 1988). Contribuí, em certo sentido, para neutralizar o clima de antagonismo que ainda pairava entre a comunidade acadêmica e a indústria cultural. Aquele tom belicoso também foi suavizado pela publicação de obras congêneres, como, por exemplo, a coletânea dirigida por Renato Ortiz: *Telenovela: história e produção* (São Paulo: Brasiliense, 1988) e o estudo realizado por Michele e Armand Mattelart: *O carnaval das imagens* (São Paulo: Brasiliense, 1989).

Resquícios da mentalidade apocalíptica ainda germinavam na Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo, quando fui sufragado pela comunidade acadêmica para assumir o cargo de diretor da instituição. Surpreendi-me ao constatar que

o currículo do curso de rádio e televisão não contemplava a produção, ou até mesmo a crítica, das telenovelas, principal produto de exportação da indústria audiovisual brasileira. Esse gênero ficcional era completamente ignorado pelos professores da área, a não ser em referências fortuitas à adaptação de obras clássicas da literatura brasileira para formatos em série.

A minha proposta de criação do Núcleo de Pesquisas em Telenovelas (NPTN) foi recebida com ceticismo pelo corpo docente da unidade e com completa indiferença por parte do alunado. Não encontrei igualmente o respaldo da Reitoria para alocar recursos destinados ao resgate e à preservação da memória da telenovela. Decidi dar início ao processo de constituição do núcleo com recursos da própria escola e com a participação de alunos do Programa de Pós-Graduação.

Vale a pena registrar que a temática da televisão passou a ser escolhida como objeto de estudos por alguns estudantes de doutorado. O primeiro a me procurar foi Carlos Eduardo Lins da Silva, buscando orientação para sua pesquisa sobre o impacto do “Jornal Nacional” da TV Globo sobre as comunidades de trabalhadores urbanos, de que resultou o livro *Muito além do Jardim Botânico* (São Paulo: Summus, 1985). No prefácio a essa obra anotei seu principal mérito: “Derrubar o mito de que o homem comum que habita as nossas cidades ou procede da periferia rural padece de uma burrice endêmica, não tendo capacidade para ler nas entrelinhas as mensagens que fluem através dos telejornais, como se admite que possuem as elites.” (p. 10).

Talvez essa distância entre os postulados teóricos importados acriticamente e as evidências empíricas decorrentes das observações de campo tenham fortalecido as barreiras entre a vanguarda acadêmica e a televisão, naquela conjuntura de derrocada do regime militar pós-64.

Refiro-me, naturalmente, às resistências cultivadas pela academia brasileira, pois os *scholars* do chamado *primeiro-mundo* vinham dedicando atenção aos fenômenos gerados pelo desenvolvimento da televisão em nosso país, como o atestam os estudos publicados por Nicolas Vink: *The telenovela emancipation* (Amsterdam: Royal Tropical Institute, 1988); Conrad Kottak: *Prime time society* (Belmont: Wadsworth, 1990) ou Joseph Straubhaar: *Mass communication and the elites*. In: Coniff & McCann: *Modern Brazil* (Lincoln: University of Nebraska, 1991), entre outras.

Reiterando o interesse forâneo pelo desenvolvimento da sociedade audiovisual no Brasil, fui desafiado, nessa conjuntura, pelo professor Emile McAnany, da Universidade do Texas, a integrar uma equipe interdisciplinar, patrocinada pela Fundação

Rockfeller, cuja meta seria estudar o efeito das telenovelas no declínio da fertilidade da mulher brasileira e, conseqüentemente, no tamanho das nossas famílias.

Discuti o projeto que estabelecia a interface demografia-comunicação com a coordenadora do NPTN, Anamaria Fadul, engajando a ECA/USP nesse programa de estudo comparativo da televisão em países periféricos como Índia, Nigéria e México. A pesquisa durou mais de um ano, constituindo um grande incentivo para fortalecer o estudo da telenovela no *campus*.

Assumi pessoalmente uma parte do projeto, justamente vinculando o objeto em estudo com a minha formação intelectual. Quis conhecer o impacto da mídia impressa na legitimação da telenovela brasileira, analisando amostras de jornais e revistas que faziam a cobertura das produções de maior sucesso nas décadas de 60, 70, 80 e 90 do séc. XX.

Essa foi uma excelente oportunidade para verificar como o sistema midiático funciona de maneira integrada, não podendo nenhum segmento desprezar ou refugar o outro. Na era do rádio, Paul Lazarsfeld já havia enunciado a “lei de todos ou de nenhum”. Quem ouve rádio, lê jornal, mas também assiste à televisão ou navega pela internet. Por isso mesmo, a televisão não pode prescindir da imprensa, que divulga sua programação e orienta os telespectadores para a escolha de conteúdos e até mesmo para desligar a telinha.

Apresentei, em congressos internacionais, na década passada, os resultados mais consistentes. Desde então, a continuidade dos meus estudos sobre televisão passou a ser intelectualmente mediada. Através da supervisão de teses, tenho incentivado mestrandos e doutorandos a submeter à prova novas hipóteses investigativas, buscando equacionar questões enigmáticas.

Destaco alguns casos significativos. Por exemplo, as interfaces entre mídia impressa e telenovelas foram exploradas pela mestranda Fábila Dejavitte e pela doutoranda Ofélia Torres Morales. A primeira focalizou a influência do suplemento dominical do jornal paulista *Diário Popular* nos hábitos e preferências dos consumidores de telenovela. A segunda foi mais longe: internou-se na redação da revista *Contigo* para compreender quem agenda as telenovelas, com que intenções e quais são as influências que exercem os jornalistas nas rotinas de produção, por vezes incitando os roteiristas dos folhetins a alterar situações que encontram resistência nos telespectadores. Infelizmente, tais pesquisas ainda continuam inéditas, salvo resultados parciais divulgados sob a forma de “comunicações científicas”, inseridas em anais de congressos nacionais.

Outro ângulo interessante foi explorado pelos doutorandos Guilherme Rezende e Ana Carolina Temer. Ele analisou comparativamente os telejornais de três distintas redes nacionais, concluindo que a cultura gutenberiana ainda se faz presente na estrutura dos telejornais, uma vez que todos eles são montados em cima de roteiros previamente escritos, pouco espaço abrindo para improvisações discursivas no calor da hora. (REZENDE, Guilherme. *Telejornalismo no Brasil*. São Paulo: Summus, 2003). Ela acompanhou, durante uma semana, o processo de produção dos telejornais da Rede Globo, comprovando sua hipótese de que todos eles estão pautados por um compromisso de serviço público, o que os transforma em veículos a serviço da comunidade, enfraquecendo seu dever de informar autonomamente. (TEMER, Ana Carolina. *Dicas e serviços*. Rio de Janeiro: E-Paper, 2005).

Trata-se de casos emblemáticos, o que não tira o valor documental de outras teses que tive o ensejo de inspirar teoricamente e de acompanhar metodologicamente. Exemplificam esse conjunto as pesquisas de Walter Gravitz sobre o itinerário histórico da TV Record; de Sebastião Squirra sobre o âncora Boris Casoy; de Vera Toledo sobre os esportes na TV; de Valquiria Kneip sobre a história oral do telejornalismo brasileiro; e o desbravador estudo de Paula Casari sobre o pioneirismo de Assis Chateaubriand.

Não posso, naturalmente, omitir as ações empreendidas no âmbito da divulgação cultural, projetando na sociedade personalidades marcantes para o desenvolvimento da televisão brasileira, como são os casos de Landell de Moura, Assis Chateaubriand, Roberto Marinho, cujas histórias de vida inclui em obras coletivas de interesse supletivo.

Mais recentemente, tenho sido instado a inventariar minha contribuição para o desenvolvimento de aspectos relevantes da polifacética televisão verde-amarela. É o caso do ensaio publicado, em 2008, na edição da revista *Chasqui* que me foi dedicada pelo *Centro Internacional de Estudios Superiores de Comunicación para América Latina*. Também não posso esquecer as entrevistas que tenho concedido a interlocutores privilegiados, incluídas em livros publicados fora do País, entre eles o singular estudo de Mário Nieves – *Televisión bajo palabra: poder, pasión e identidad en la TV brasileña* (Monterrey: Universidad Regiomontana, 2002).

Culminando esse processo, tomei a iniciativa de organizar uma antologia que disponibilizasse, para as novas gerações, o conhecimento referente aos primeiros 60 anos da televisão brasileira, permitindo avaliar seus avanços e carências na fronteira entre a era analógica e a idade digital.

Enquanto aguardamos sua publicação, vale a pena indicar algumas perspectivas. Elas são fruto de incursões bibliográficas feitas recentemente. Seja para organizar

o livro *O campo da comunicação no Brasil* (Petrópolis: Vozes, 2008), para o qual estimei minha colega Sandra Reimão a resgatar o estado do conhecimento sobre a pesquisa de televisão na universidade brasileira, seja para participar do debate promovido pelo Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (Ipea), órgão da Secretaria de Assuntos Estratégicos da Presidência da República – em torno das políticas nacionais de comunicação, cujas notas foram incluídas por Daniel Castro no livro *Reflexão sobre as políticas nacionais de comunicação* (Brasília: Ipea, 2010).

O balanço global do desenvolvimento da TV brasileira é positivo (Fonte: *Mídia Dados 2009*). Faltam, contudo, mecanismos mais eficazes de participação da sociedade no controle de qualidade da programação e na fiscalização dos abusos cometidos contra os direitos dos cidadãos consumidores. Essa tarefa cabe, em parte, ao Estado, mas também é de responsabilidade da sociedade civil.

Sua efetivação depende, porém, da consolidação da vida democrática num país cuja história recente foi bastante estigmatizada pelo autoritarismo e pelo obscurantismo.

- a) Os agentes do mercado estão otimistas, vaticinando um “novo salto de qualidade” para a TV aberta, considerando o avanço da TV digital. A expectativa era “encerrar 2009 cobrindo 60% dos municípios brasileiros com o novo sistema”, assegurando ao Brasil uma posição de destaque entre os países “onde a digitalização do sinal de TV se expandiu mais rapidamente”. Por sua vez, a TV por assinatura demonstrava vitalidade, crescendo progressivamente, atingindo uma audiência composta por quase seis milhões de pessoas.
- b) Todavia, a esperança de incremento da televisão repousa na própria “modernização do meio”, ou seja, na adoção de tecnologias de ponta, capazes de melhorar a entrega do sinal nos domicílios, mas também na difusão de novos suportes para recepção dos programas das redes – aparelhos portáteis e telefones celulares.
- c) Ao promover a I Conferência Nacional de Comunicação, o governo Lula demonstra a exata compreensão do problema, como está explícito na declaração do secretário Nacional de Articulação Social da Presidência da República, Gerson Almeida: “Há um certo consenso entre todas as partes de que o processo de convergência tecnológica está exigindo uma atualização do marco regulatório. [...] Os meios de produção e transmissão de informação hoje [se] diversificaram e ampliaram muito.” Mas reconhece também que “há divergências sobre o mérito das questões”, como, por exemplo, “a propriedade de entidades produtoras de conteúdo”. Sua posição é a de que “se tem que ser nacional”, é interessante considerar a “idéia de competição”.

Poucos são os estudos que analisam cientificamente o impacto provocado pela TV na sociedade brasileira, especialmente seu papel político-educativo. O inventário

crítico feito por Sandra Reimão (a propósito do conhecimento acumulado no Brasil sobre o fenômeno televisivo) conclama os pesquisadores a recorrer a “novos olhares” e a “novas formas de abordagem e interpretação”, alertando que estamos imersos num “processo de transformações” provocadas pelas mudanças tecnológicas. Por isso mesmo, a “pesquisa acadêmica não poderá deixar de buscar entender essas mudanças tecnológicas e seus usos sociais”.

Referências

- ABEPEC. Associação Brasileira de Ensino e Pesquisa em Comunicação. Pesquisa sobre a televisão brasileira. *Revista Abepec*, n. 4, Porto Alegre, p. 4-33, 1978.
- AGUIAR, Wilson. *Introdução à TV*. Brasília: Habitast, 1967.
- _____. *TV didática*, Brasília: Ebrasa, 1968.
- BELTRÃO, Luiz. *Iniciação à filosofia do jornalismo*. Rio de Janeiro: Agir, 1960.
- _____. Aprendizagem das ciências da comunicação em Pernambuco. *Comunicações e Problemas*, n. 1, Icinform, p. 6-8, 1965.
- _____. Jornalismo pela televisão e pelo rádio. *Revista da Escola de Comunicações Culturais*, 1, São Paulo, ECA/USP, p. 101-120, 1967.
- _____. Comunicação no Brasil: as idéias de Luiz Beltrão. *Anuário Unesco/Umesp de Comunicação Regional*, n. 10, São Bernardo do Campo, Umesp, 1997.
- BENJAMIN, Roberto. A TV Comercial em Pernambuco: estudo da programação, *Revista da Escola de Comunicações Culturais*, 2, São Paulo, ECA-USP, p. 151-166, 1968.
- _____. *Televisão e Política*. 1978a. Tese (Livre-Docência) – UFRPE, Recife, 1968a.
- BOSI, Alfredo. *Cultura brasileira*. São Paulo: Ática, 1987.
- CAMARGO, Vera Regina Toledo de. *O telejornalismo e o esporte espetáculo*. 1998. Tese (Doutorado) – UMESP, São Bernardo do Campo, 1998.
- CAMPOS, Thereza Catharina de Goes. *A TV nos tornou mais humanos?* Recife: Ed. da UFPE, 1970.
- CASTRO, Daniel. *Reflexões sobre políticas nacionais de comunicação*. Brasília: Ipea, 2010.
- CASARI, Paula. *Assis Chateaubriand e a implantação da televisão no Brasil*. 1984. Dissertação (Mestrado) – UMESP, São Bernardo do Campo, 1984.
- DEJAVITE, Flavia. *O relacionamento do jornalista com a fonte: um jogo de sedução?* 1996. Dissertação (Mestrado) – UMESP, São Bernardo do Campo, 1996.
- FADUL, Anamaria. *Ficção seriada na TV: as telenovelas latino-americanas*. São Paulo: ECA/USP, 1993.
- FREIRE, Paulo. *Educação e atualidade brasileira*. 3. ed. São Paulo: Cortez, 2001.
- HANKARD, Maurice. *La radio y la televisión en Europa*. Quito: Ciespal, 1967.

KNEIP, Valquiria Aparecida. *História oral do telejornalista brasileiro*. 2007. Tese (Doutorado) – São Paulo: ECA/USP, 2007.

KOTAK, Conrad. *Prime Time Society*. Belmont: Wadsworth, 1990.

LAZARSELD, Paul. Os meios de comunicação e a influência pessoal. In: SCHRAMM, Wilbur (Ed.) *Panorama da comunicação coletiva*, Rio de Janeiro: Fundo de Cultura, 1964, p. 87-96.

LEAL, Péricles. *Iniciação á televisão*. Belém: Falangola, 1964.

LINS DA SILVA, Carlos Eduardo. *Muito além do Jardim Botânico*: um estudo sobre a audiência do Jornal Nacional da Globo entre trabalhadores. São Paulo: Summus, 1985.

MARQUES DE MELO, José. *Comunicação social: teoria e pesquisa*. Petrópolis: Vozes, 1970.

_____. *Comunicação, opinião, desenvolvimento*. Petrópolis: Vozes, 1971.

_____. *Reflexões sobre temas de comunicação*. São Paulo: ECA/USP, 1972.

_____. *Telemania, anestésico social*. São Paulo: Loyola, 1981.

_____. *Comunicação: teoria e política*. São Paulo: Summus, 1985a.

_____. *Para uma leitura crítica da comunicação*. São Paulo: Paulinas, 1985b.

_____. *As telenovelas da Globo*. São Paulo: Summus, 1988.

_____. Los programas televisados de ficción en el Brasil: el caso de TV Globo. In: LARSEN, Peter (Ed.) *Importación/Exportación: circulación internacional de programas televisados de ficción*. Paris: Unesco, 1992, p. 97-100.

_____. Televisão brasileira: desenvolvimento e perspectivas. *Comunicação & Sociedade*, n. 19, São Bernardo do Campo: Umesp, p. 79-94, 1993.

_____. Religion and Television in Latin America. In: Shayon and Cox Religion television and the information superhighway. Philadelphia: Waymark Press, 1994, p. 27-29.

_____. La Telenovela Brasileña: de Gata Cinicienta a Reina Mediática: estudios sobre las culturas contemporáneas. *Programa Cultura Universidad de Colima*: Colima, México, v. VII, n. 13, p. 41-74, 2001.

_____. O diálogo entre produção e recepção na telenovela brasileira. *Comunicação. Veredas*, Unimar, Marília, v. 1, p. 51-70, 2003.

_____. (Org.) *O campo da comunicação no Brasil*. Petrópolis: Vozes, 2008a.

_____. Telenovela: folletín de mis des/reencuentros. *Chasqui*, v. 104, p. 40-47, 2008b.

_____. O debate público sobre as políticas nacionais de comunicação. In: CASTRO, Daniel. *Reflexão sobre as políticas nacionais de comunicação*. Brasília: Ipea, 2010, p. 37-38.

MATTELART, Michelle; MATTELART, Armand. *O carnaval das imagens: a ficção na TV*. São Paulo: Brasiliense, 1989.

MORALES, Ofélia. *Nos bastidores da telenovela: a produção do noticiário sobre a telenovela “O Rei do Gado” na revista “Contigo!”*. 1999. Tese (Doutorado) – ECA/USP, São Paulo, 1999.

NIEVES, Mario. *Televisión bajo palabra: poder, pasión e identidad em la TV brasileña*. Monterrey: Universidad Regiomantana, 2002.

- ORTEGA & GASSET, José. *Meditaciones del Quijote. Obras Completas*, Madrid, Revista del Occidente, v. I, p. 322, 1946.
- ORTIZ, Renato. *Telenovela, história e produção*. São Paulo: Brasiliense, 1988.
- REIMÃO, Sandra. Televisão. In: MARQUES DE MELO, José (Org.). *O campo da comunicação no Brasil*. Petrópolis: Vozes, 2008, p. 137-146.
- REZENDE, Guilherme. *Telejornalismo no Brasil*. São Paulo: Summus, 2000.
- SAMPAIO, Walter. *Jornalismo audiovisual*. Petrópolis: Vozes; São Paulo: Edusp, 1971.
- SANTANA, Jorge José B. *A televisão em Pernambuco por quem a viu nascer*. Recife: Facform, 2007.
- SQUIRRA, Sebastião. *Aprender telejornalismo*. São Paulo: Brasiliense, 1990.
- _____. *Boris Casoy, o âncora no telejornalismo brasileiro*. Petrópolis: Vozes, 1993.
- STRAUBHAAR, Joseph. Mass communication and the elites. In: CONIFF & MCCANN. *Modern Brazil*. Lincoln: University of Nebraska, 1991.
- TEMER, Ana Carolina. *Colhendo notícias, plantando imagens*. São Bernardo do Campo: Umesp, 1998. (Fascículos Umesp de Ciências da Comunicação, 4).
- _____. *Notícias & serviços nos telejornais da Rede Globo*. Rio de Janeiro: Sotese, 2002.
- Tufte, Thomas. Como as telenovelas servem para articular culturas híbridas no Brasil contemporâneo. *Revista Brasileira de Ciências da Comunicação*, São Paulo, v. XVIII, n. 2, p. 34-53, 1995.
- VINK, Nico. *The telenovela and emancipation*. Amsterdam: Royal Tropical Institute, 1988.